

PERFIL // DILMA ROUSSEFF

Ministra da Casa Civil é temida não só por causa do poder que acumula, mas pela personalidade intempestiva no dia-a-dia

De guerrilheira explosiva a poderosa mãe do PAC

UGO BRAGA

DA EQUIPE DO CORREIO

As articulações do governo em torno da ida da chefe da Casa Civil, Dilma Rousseff, ao Congresso revelaram uma face oculta da personalidade política da "mãe do PAC": ela tem tão pouca habilidade para dialogar com divergentes que chegou mesmo a temer o açoitamento dos opositores na Comissão de Infra-Estrutura do Senado. O medo, no caso, era o de ela perder a fleuma ao ser provocada e destruir sua própria candidatura presidencial, ainda em construção.

O potencial explosivo de Dilma virou motivo de aflição especialmente entre os funcionários mais humildes do Planalto — secretárias, copeiros e garçons. Recentemente, a ministra iniciou uma reunião com um colega da Esplanada e mais um grupo de técnicos quando o garçon serviu chá aos presentes. Dilma alongou-se na exposição sem sorver uma gota do líquido, que esfriou. O garçon, atento, entrou na sala e recolheu todas as louças, inclusive a da ministra. Ela, então, interrompeu o encontro e vociferou uma bronca homérica no serviçal, diante da platéia constrangida.

Entre os servidores do Planalto ninguém acha mais graça na história que virou uma norma. Agora, serventes provam abacaxis para certificar se estão maduros. Tudo por causa de insultos ouvidos da ministra em duas ou três ocasiões em que foi servido suco que ela julgou azedo. As assessoras tremem quando ela, impaciente, as chama com o prefixo de "santinha". É a senha de que o tempo vai fechar.

Embora o tom das queixas amenize quando o interlocutor detém cargo maior na hierarquia, diz-se nos bastidores palacianos que um dos ministros em cuja pasta estão alocados bilhões de reais do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) já ouviu

Iano Andrade/CB - 22/1/08



DILMA: PLANALTO TEME PELA POUCA HABILIDADE QUE A MINISTRA TEM AO TRATAR COM POLÍTICOS

impropérios da chefe da Casa Civil em reuniões de trabalho. O mesmo teria ocorrido com um secretário do Ministério da Fazenda e, em grau mais elevado, com o presidente da Infraero, Sérgio Gaudenzi.

Pito

Quando o atual coordenador político do governo, José Múcio Monteiro, assumiu o cargo, recebeu um telefonema duro da colega. Em tom de desabafo, ele contou a confidentes ter ouvido um pito humilhante. A ministra achava que ele divulgara informações que ela não queria ver no noticiário. "Não confiarei em você nunca mais", teria dito, batendo o telefone.

A rudeza é um traço adquirido na maturidade. Na infância, a hoje temida ministra era apenas Dilminha, a tímida filha de seu Pedro, um búlgaro naturalizado brasileiro, advogado de fala enrolada e fama de bravo, morador da Rua Major Lopes, em Belo Horizonte. É uma rua de classe média típica, onde as moças iam a pé à escola — Colégio Sion, hoje Santa Dorothéia, um dos mais tradicionais da capital mineira — e divertiam-se na

"hora dançante", à tardinha.

A doce felicidade da Rua Major Lopes acabou para Dilma em meados da década de 1960, quando ela trocou o exclusivo para moças Sion pelo misto Colégio Estadual. E depois, seguindo a trilha, ingressou no curso de economia da Universidade Federal de Minas Gerais. O movimento estudantil borbulhava. No meio dele, a guerrilheira "Estella" nasceu.

Dilma entrou para a luta política não pelas vias sindicais ou associações classistas. Foi recrutada pelo então namorado (depois marido), Cláudio Galeano de Magalhães Linhares, para militar na Política Operária (Polop), grupo marxista. Desentendimentos sobre os rumos da resistência fizeram nascer o Comando de Libertação Nacional (Colina), ao qual Dilma, ou Estella, perfilou-se, junto com Cláudio. A mocinha da Rua Major Lopes agora dava aulas de marxismo nas células comunistas. Perseguido pela polícia mineira, o casal fugiu para o Rio e caiu na clandestinidade.

No Rio, já alçada ao topo do Colina, Estella planeja três assaltos a bancos — dinheiro que financiava as atividades da

conspiração. Diante das bem-sucedidas operações do Colina, outros grupos marxistas se integraram. O comando chefiado por Dilma se funde à Vanguarda Popular Revolucionária (VPR), onde despontava o já famoso capitão Carlos Lamarca, adepto da tomada do poder pelas armas. Surge daí a Vanguarda Armada Revolucionária — Palmares (VAR-Palmares), da qual Estella e Lamarca são os líderes, junto com um gaúcho chamado Carlos Araújo.

Operação

Em julho de 1969, três carros com 11 guerrilheiros da VAR-Palmares estacionam em frente à casa no bairro carioca de Santa Teresa onde morava um irmão de Ana Capriglioni, notória amante do ex-governador de São Paulo Adhemar de Barros. Lá, executando uma operação minuciosamente planejada por Estella, que não tomou parte na ação, a VAR-Palmares rouba um cofre de chumbo pesando 300kg, recheado com uma bolada de US\$ 2,5 milhões.

Pouco tempo depois, a VAR-Palmares se desintegra, por desentendimentos entre Estella e Lamarca. A maior parte do grupo segue Estella — na época, Cláudio, o primeiro marido, partira para Cuba a bordo de um avião seqüestrado e Dilma já se enamorava de Carlos, o gaúcho da VAR-Palmares (com quem veio a se casar e com quem teve Paula, a única filha, hoje juíza do Trabalho em Porto Alegre, e de quem se separou já depois da redemocratização).

Nos primeiros dias de 1970, em São Paulo, Estella é presa e levada para a Operação Bandeirantes (Oban). É interrogada várias vezes. Puseram-na no paude-arara. Surraram-na e deram-lhe choques. Foi julgada e condenada a seis anos de cadeia por subversão. Entrou com recurso e reduziu a pena para dois anos e um mês. Já havia cumprido três anos. Solta em 1973, transferiu-se para Porto Alegre, juntamente com o marido, que posteriormente filiou ao PDT elegeu-se deputado estadual.

Dilma retomou no Sul a vida acadêmica interrompida. Formou-se em economia, fez mestrado em teoria econômica na Unicamp, onde concluiu doutorado em economia monetária e financeira. Rompeu com o PDT quando, secretária de Minas e Energia do governo Olívio Dutra (1999-2002), o partido desfez a aliança com o PT e exigiu a entrega dos cargos. Ela ficou e filiou-se ao partido do governador. Nascia a Dama de Ferro que Lula quer ver no Planalto a partir de 1º de janeiro de 2011.



e-mail alon.feuerwerker@correioweb.com.br



Entre o udenismo e o adesismo

A fraqueza dos líderes, os maus conselhos e os maus sentimentos levaram a oposição brasileira ao atual estado de debilidade, hoje já admitido por ela própria. Os partidos que lutam contra o governo de Luiz Inácio Lula da Silva parecem ter decidido dar um tempo para discutir sua relação com o eleitor. Estão premidos por uma realidade incontestável: a cada dia que passa o governo fica mais forte e os adversários, mais fracos.

Há muitas razões para a anemia atual do PSDB e do Democratas. Várias delas vêm sendo expostas neste espaço nos últimos anos. Ganha um doce quem conseguir explicar, em poucas palavras, no que um Brasil governado por democratas e tucanos seria essencialmente diferente do atual. Para melhor, é claro. Se nem os líderes da oposição conseguem responder a essa simples indagação, muito menos o eleitor comum.

Outro problema é a dependência excessiva dos escândalos. Como tudo é motivo para escândalo, o feitiço acaba se voltando contra o feiteiro. Se o escândalo passa a ser rotina, deixa de representar novidade, deixa de ser assim tão escandaloso. Com o tempo, a situação se inverte, e a oposição debilitada por sucessivas batalhas deixa de ter forças para responder adequadamente aos escândalos mais dignos desse nome. Um bom exemplo é o caso do dossiê ilegalmente produzido no Palácio do Planalto com informações sigilosas sobre gastos do então presidente Fernando Henrique Cardoso.

O vetor principal, entretanto, é mesmo o programático. A ausência de alternativas programáticas leva a oposição a deixar passar todas as boas oportunidades. Na reforma agrária, por exemplo, o governo Lula é um fiasco. Mas você não ouviu falar de um único discurso de algum membro da oposição para cobrar resultados nessa área. Nem de qualquer esforço de tucanos ou democratas para buscar diálogo com os movimentos sociais no campo.

Ainda na questão fundiária, é ensurdecedor o silêncio da oposição diante da irracional demarcação contínua da reserva indígena Raposa/Serra do Sol. Nesse caso, o vácuo político é tão absoluto que a voz mais importante a se levantar contra a renúncia do país ao controle de suas próprias fronteiras foi a do comandante militar da Amazônia. Que o fez por dever de ofício. E também porque não há senador ou deputado opositorista que se digne a tomar um avião para Roraima para, pelo menos, saber do que ocorre por lá.

Qual é a contribuição da oposição ao debate sobre a deterioração das contas externas do país? O que pensa ela sobre as críticas cada vez mais intensas e planetárias contra o sonho delirante de Lula de usar as terras agricultáveis do Brasil para ajudar abastecer a frota americana de carros de passeio, enquanto o preço da comida explode em todo o mundo graças, como admitiu o próprio presidente, à insuficiente oferta de alimentos? Novamente o silêncio.

Pior. A oposição às vezes se enrosca quando decide sair de seu sono sepulcral para dar o sinal da graça. Foi o que se passou na votação da prorrogação da Contribuição Provisória sobre Movimentação Financeira (CPMF). Com a vitória nas mãos, com a possibilidade de apadrinhar o maior investimento em saúde pública jamais visto no país, Democratas e PSDB preferiram a vitória de pirro. Optaram por derrubar a CPMF na suposição de que a perda de receitas criaria grandes dificuldades ao governo. Erraram, pela enésima vez...

Escrevi no começo desta coluna sobre a fraqueza dos líderes, os maus marqueteiros e os maus sentimentos. Falta falar do último aspecto. A oposição não se conforma com o fato de o governo Lula apresentar belos resultados na economia e no combate à pobreza. O ressentimento fica nítido cada vez que alguém da oposição abre a boca para "explicar" que nessas áreas o PT "apenas copiou" os governos anteriores. Simplesmente não é verdade. Lula aplicou um ajuste fiscal estrutural que FHC jamais quis — ou pôde — fazer. E não há como comparar monetariamente os programas sociais do tucano com os atuais. Na economia, diferenças quantitativas são também qualitativas. Toda dona-de-casa e todo trabalhador sabem disso.

Eis é o cenário. O risco agora parece vir de uma direção nova. Esgotada por anos de discursão monótona e derrotas, a oposição pode ficar tentada a simplesmente reconhecer que o governo Lula é mesmo bom e a cair nos braços do ex-sindicalista. Uma parte dela já fez isso na transição do primeiro para o segundo mandato. Será uma pena, porém, se as coisas acabarem assim. Esgotado o udenismo, o adesismo pode até parecer uma rima atraente. Mas (com a licença de Drummond) dificilmente conseguirá ser a solução.

Aqui sua satisfação é amplificada!

PREÇOS IMBATÍVEIS PROVAÇÃO MÁXIMO EM BOLSILHO

KD-G820

CD MP3 JVC com controle remoto

De R\$ 999,00 por **R\$ 499,00** à vista ou em até **5** x sem juros no cartão*

KIT FARÓIS DE XENON

De R\$ 799,00 por **R\$ 399,00** à vista ou em até **5** x sem juros no cartão*

Equipe de especialistas liderada pelo designer internacional THIAGO VOLPE

STEREO MUSIC CENTER

SIA trecho 1/2, lotes 390 e 400 | Tel: (61) 3361.4001

*A partir nos cartões Visa, Mastercard e American Express. CD Mp3 KD-G820 - 30 peças, HiFi System 8.000 K ou 8.000 K - 150 peças, exceto modelo H481 Xenon. Promoção válida até 31/04/2008 se enquanto durar e estoque. Fotos ilustrativas.